

**VALORES AFRO-BRASILEIROS NAS VIVÊNCIAS DA COMUNIDADE
BAIANA REMANESCENTE DE QUILOMBO LAGE DOS NEGROS:
FRUTOS REFLEXIVOS DE UMA CARTOGRAFIA**

**AFRO-BRAZILIAN VALUES AND THEIR EXPERIENCES IN LAGE
DOS NEGROS/BA: FRUIT FROM A CARTOGRAPHY PROCESS**

**VALORES CIVILIZATORIOS AFRO-BRASILEÑOS Y SUS
VIVENCIAS EN LAGE DOS NEGROS / BA: UNA INMERSIÓN
CARTOGRÁFICA**

Jonalva Paranã de Araújo Gama¹
Barbara Eleonora Bezerra Cabral²

RESUMO

A Política Nacional de Saúde Integral da População Negra destaca o reconhecimento das práticas de matrizes africanas e o combate ao racismo institucional como estratégias de cuidado. Na articulação inicial com um projeto vinculado à reorientação da formação profissional em saúde – o PET-Saúde/GraduaSUS – cujas atividades de extensão foram desenvolvidas na comunidade remanescente de quilombo Lage dos Negros, localizada no sertão baiano, gestou-se o interesse de produzir conhecimento na direção de contribuir com essas urgentes temáticas. Assim, a pesquisa de cunho interventivo objetivou compreender como valores civilizatórios afro-brasileiros são vivenciados na comunidade, em um processo de imersão cartográfica, tendo sido escritos diários de campo e colhidos depoimentos de interlocutores locais. Os resultados indicaram a presença destes valores nos modos de organização da comunidade, tendo sido produzidos três eixos interpretativos, que remetem à construção da identidade quilombola, às estratégias de resistência e à relação com o cuidar. Conclui-se que as epistemologias africanas precisam ser evidenciadas, de modo a respaldar projetos de cuidado para a população preta nos diversos dispositivos onde se executam políticas públicas de saúde, educação e assistência social.

Palavras-chave: Saúde da população negra. Assistência Integral à Saúde. Racismo.

ABSTRACT

The Integral Health of the Black Population National Policy highlights the recognition of the African matrices practices and the fight against institutional racism as care strategies. In the initial articulation with a project linked to the reorientation of health professional training – PET-Saúde/GraduaSUS – whose third mission activities were developed in the remaining quilombo community Lage dos Negros, located in the semi-arid of Bahia, the interest in

¹Psicóloga especialista em Saúde da Família e Vigilância em Saúde/ Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: jonalvagama@gmail.com

²Docente do Colegiado de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco. Doutora em Psicologia.

producing knowledge was generated towards contributing to these urgent themes. Thus, the research, assuming interventive character, aimed to understand how Afro-Brazilian civilizing values are experienced in the Community. In the cartographic process, field diaries were written and statements from local interlocutors were collected. Results indicated the presence of these values in the community organization and are organized in three interpretative axes, which refer to the construction of quilombola identity, resistance strategies and the relationship with care. It is concluded that African epistemologies need to be highlighted, in order to support care projects for the black population in the different devices where public health, education and social assistance policies are implemented.

Keywords: Health of Ethnic Minorities. Comprehensive Health Care. Racism

RESUMEN

La Política Nacional de Salud Integral de la Población Negra destaca el reconocimiento de las prácticas de matrices africanas y el combate al Racismo Institucional como estrategias de cuidado. De este modo, la investigación objetivó comprender cómo los valores civilizatorios afro-brasileños son vivenciados en la comunidad remanente de quilombo Lage de los Negros, ubicada en el sertão baiano. En la inmersión cartográfica en la comunidad, se escribieron diarios y se tomaron testimonios de interlocutores locales. Los resultados indicaron la presencia de los valores en los modos de organización de la comunidad, habiendo sido producidos tres ejes interpretativos que remiten: a la construcción de la identidad quilombola, a las estrategias de resistencia ya la relación con el cuidar. Se concluye que las epistemologías africanas deben destacarse para apoyar los proyectos de atención a la población negra en los diferentes dispositivos donde se implementan las políticas de salud pública, educación y asistencia social.

Palabras clave: Salud de las Minorías Étnicas. Atención Integral de Salud. Racismo.

INTRODUÇÃO

Este trabalho se forjou no contexto das atividades do PET-Saúde/GraduaSUS da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), em projeto que visava construir compreensões sobre sofrimento psíquico e estratégias de cuidado na comunidade remanescente de quilombo Lage dos Negros, localizada na zona rural de Campo Formoso, município baiano. O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) insere-se no âmbito do Programa Nacional de Reorientação da Formação em Saúde (Pró-Saúde), caracterizando-se como

(...) programas indutores da transformação dos processos formativos em saúde, frutos de parceria entre o Ministério da Saúde/MS e o Ministério da Educação/MEC, pelo reconhecimento do caráter fragmentário e distanciado da formação em saúde no nível de graduação em relação às necessidades de saúde das pessoas. Especialmente o PET-Saúde, cujo primeiro edital foi lançado em 2008, permitiu operar experiências potentes na direção de transformar os processos formativos assentados na aproximação ensino-

serviço-comunidade, pela formação de grupos de aprendizagem tutorial comprometidos com experimentações que articulassem ensino-pesquisa-extensão. Tendo foco inicialmente na Atenção Primária à Saúde (APS), depois se expandiu para outras temáticas de relevância no campo da saúde, a exemplo das Redes de Atenção à Saúde (RAS) (CABRAL; LIMA, 2018, p. 18).

Segundo as autoras, o PET-Saúde/GraduaSUS da Univasf aconteceu em parceria com seis municípios do semiárido nordestino, dentre os quais Campo Formoso, focando em processos de reestruturação curricular dos cursos envolvidos e visando a um aporte de práticas e adequação efetivas às Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos da área de saúde, na conexão com princípios do SUS e realidades locais.

A imersão de um dos Grupos de Aprendizagem Tutorial em Lage dos Negros proporcionou uma rica experiência formativa, especialmente por se tratar de um contexto pouco conhecido no âmbito das salas de aula formais da universidade. Nessa comunidade, estabeleceu-se uma grande rede social, tecida a partir da aproximação com e reflexão sobre a experiência de ser negro e suas reverberações na saúde, com protagonismo de comunitários/as, estudantes e docentes dos cursos de saúde da Univasf e trabalhadores que atuavam no campo da Saúde Mental na região.

À medida que as imersões em Lage dos Negros/BA aconteciam, alguns aspectos da história dessa comunidade iam se revelando, ressaltando-se a marca do racismo e as dificuldades de acesso a alguns serviços que executam ações das Políticas Públicas de Saúde e Assistência Social. Concomitantemente ao projeto, a Universidade Aberta do SUS (UNASUS) ofertava o curso sobre a Política Nacional de Saúde da População Negra (PNSIPN) que, entre outros pontos, abordava os valores civilizatórios afro-brasileiros.

Além disso, a inserção no Observatório de Políticas e Cuidado em Saúde do Sertão do Submédio São Francisco da Univasf possibilitou o investimento e aprofundamento em aspectos que atravessam a construção de redes vivas e a produção de cuidado em saúde, ampliando as possibilidades de um respaldo teórico-metodológico para a compreensão da experiência tecida na comunidade, com ênfase no processo cartográfico e avaliação de Políticas Públicas.

Tanto em concomitância quanto após o encerramento do PET-Saúde/GraduaSUS, foi possível desdobrar a trajetória em Lage dos Negros a partir das atividades do Núcleo

Temático/NT Políticas da Vida, componente curricular ofertado pelo Colegiado de Psicologia para os cursos de graduação da Univasf², de caráter interdisciplinar, tendo como objetivo geral:

Proporcionar vivências sobre valores e princípios ecológicos às comunidades locais, destacadamente aquelas do entorno universitário, em uma região com demandas crescentes de melhora na relação das pessoas – consigo mesmas, entre si e destas com a terra, a água e a biodiversidade, ante as diversas formas de degradação do ambiente e das relações humanas, que têm surgido como subproduto dos desequilíbrios no crescimento econômico no Vale do São Francisco³.

A questão de pesquisa foi, então, forjada no seio de atividades de extensão, desenhando-se no processo cartográfico proposto via PET-Saúde e NT, contemplando dois eixos de atividades: Atenção Integral à Saúde da População Negra e Empoderamento Comunitário e Intersetorialidade. Assumindo um caráter interventivo, teve o objetivo de compreender como valores civilizatórios afro-brasileiros são vivenciados em Lage dos Negros e nas suas comunidades circunvizinhas, buscando identificá-los e conhecer contextos e práticas em que são vividos.

Cabe destacar que a articulação de uma das autoras com os referidos projetos – PET-Saúde e NT – aconteceu no percurso do seu processo formativo na Residência Multiprofissional em Saúde da Família e Vigilância em Saúde. Desse modo, a inserção no PET-Saúde/GraduaSUS e a vinculação pedagógica ao Núcleo Temático Políticas da Vida possibilitou uma experiência cartográfica tão intensa ao ponto de que essa matéria-prima foi tomada para o aprofundamento de reflexões e construção de conhecimento no formato de um Trabalho de Conclusão da Residência, de que este texto decorre.

Identidade quilombola e movimento popular

A luta da população negra iniciou muito antes de compreendermos as noções de raça, colonização, objetificação e escravidão, remontando a períodos anteriores à fundação do Brasil enquanto nação e, certamente, é bem mais antiga do que nosso entendimento de que o racismo

² O Observatório integra a Rede Nacional de Observatórios Microvetoriais de Políticas Públicas em Saúde e Educação em Saúde, coordenado pela UFRJ, através de parceria interinstitucional. Na Univasf, está articulado ao Laboratório de Estudos Transdisciplinares em Saúde e Educação/Letrans, do Colegiado de Psicologia.

³ Retirado do Programa de Disciplina apresentado no semestre letivo de 2017.1. As autoras estavam em parceria pedagógica, sendo a primeira residente do Programa de Residência Multiprofissional de Saúde da Família da Univasf e a segunda docente do NT e tutora do PET-Saúde/GraduaSUS, estabelecendo-se ainda a relação de orientação de trabalho de pesquisa no Trabalho de Conclusão de Residência/TCR.

precede o período escravocrata. Foi com a perspectiva colonizadora que os portugueses chegaram a Angola, país africano, antes de descobrirem as Américas. O interesse era possuir terras e explorar minérios, tendo o tráfico escravista sido o recurso encontrado para multiplicar suas riquezas no século XV e, inclusive a partir disto, o Brasil se tornou o maior receptor de trabalhadores escravizados (NASCIMENTO, 2014).

Os quilombos foram se formando como estratégia de resistência e sobrevivência ainda nas terras africanas (NASCIMENTO, 2014), possibilitando a construção de alternativas micro e macro políticas, como revoltas, fugas e negociações, pautando melhores condições de vida e de trabalho, viabilizando a luta pela manutenção da herança cultural e religiosa e pela preservação da vida diante do desejo de regresso. Foi quando, nas Américas, o mesmo movimento de quilombamento foi sendo construído pelos trabalhadores negros escravizados que sobreviveram aos navios negreiros (NASCIMENTO, 2014).

Cronologicamente falando, no Brasil, a população negra viveu oficialmente 316 anos de escravidão; ao final deste processo, as situações de exclusão social e marginalização do povo negro se constituíram aspectos estruturantes para a formação da nação. A ausência de estratégias para inserção no mercado de trabalho foi determinante para que muitos negros continuassem trabalhando para os senhores escravocratas. Contudo, uma das principais estratégias de sobrevivência foi o fortalecimento dos quilombos.

Segundo o Decreto 4.88/2003, as comunidades quilombolas são grupos étnicos raciais segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2013).

As comunidades que surgiram após o período de escravidão oficial são denominadas remanescentes de quilombos ou quilombos remanescentes.

É recente o reconhecimento de que os quilombos se constituíram de modo autônomo, a partir do resgate da cultura africana e da humanidade do grupo, em uma perspectiva solidária de resistência. Este espaço de organização social possibilitou que as estratégias de resistência continuassem sendo construídas, especialmente após a abolição oficial da escravatura, em 1888 (BRASIL, 2013). Cada comunidade apresenta singularidades e individualidades próprias, além de estruturas específicas, de acordo com suas raízes.

Estas comunidades ainda enfrentam desafios estruturais para preservação de suas histórias e existências, pois o racismo institucional operacionaliza a organização social e atinge

coletividades, na medida que parte da priorização de interesses do povo mais claro, negligenciando e deslegitimando as demandas específicas das pessoas negras, além de restringir o acesso de mulheres negras aos seus direitos (WERNECK, 2013). Assim, é premente reconhecer que:

No caso do racismo institucional, o domínio se dá com o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de um determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas – o legislativo, o judiciário, o ministério público, reitorias de universidades etc. – e instituições privadas – por exemplo, diretoria de empresas – depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos (ALMEIDA, 2019).

Reconhecemos que nossa sociedade ainda reproduz diversas situações que mantém características do modelo escravocrata, mas a mobilização do povo negro mudou a realidade, conquistando avanços através da luta e da resistência. Alves (2019) nos convoca a contextualizar a questão quilombola:

No percurso da questão quilombola, verificou-se as múltiplas óticas e suas contextualizações que a questão quilombola aciona, especialmente o que se refere aos fatores colonialistas, escravistas e racistas que operam também sobre os povos tradicionais de matriz africana – e a população negra, de um modo geral. Com referência às considerações sobre identidade apresentadas em Souza (2016), ao tratar sobre a questão racial e quilombola, resume-se que os mecanismos colonialistas são diversos e multifacetados, e que por isso podem ser expressados como “constructo social” (ALVES, 2019).

No Brasil, os modelos políticos não garantiram que a inserção social da população negra acontecesse de modo igual, com direitos mínimos garantidos, pois, no contexto da abolição da escravidão, não foram criadas políticas públicas com estratégias voltadas para que população negra tivesse acesso a moradia, trabalho e educação. Assim, o processo de luta popular foi muito importante para a conquista de mudanças sociais.

A criação da Frente Negra Brasileira, a luta dos movimentos negros na Reforma Sanitária, a participação nas conferências de Saúde e Assistência Social, a participação na elaboração da Constituição Federal/CF de 1988 e da Lei Orgânica da Saúde (Lei nº 8.080/1990), os investimentos do Movimento Social Negro e de pesquisadores interessados em compreender

as especificidades da população negra, a Marcha Zumbi dos Palmares, a criação do Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra/GTI foram contribuições marcantes para a construção de políticas públicas para a população negra (BRASIL, 2013).

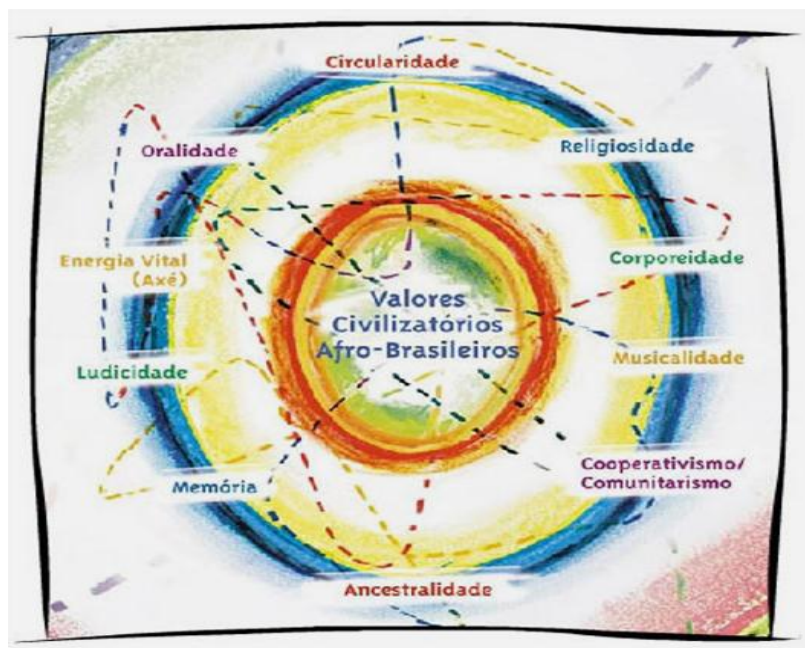
Os valores civilizatórios afro-brasileiros

O Curso Saúde da População Negra, ofertado pela Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde/UNASUS, apresenta os valores civilizatórios afro-brasileiros, que são princípios e normas que tiveram origem no continente africano, tendo sido trazidos para o Brasil pelo povo negro. Em suas práticas cotidianas, foram sendo preservados e incorporados aos diferentes aspectos de constituição da sociedade.

As referências sobre os valores civilizatórios afro-brasileiros não estão concentradas em um único campo de investigação e produção. Escolhemos como referência o Projeto A cor da Cultura (SANT'ANNA, 2005, que defende que os valores culturais negros sustentam a identidade cultural africana nas práticas da cultura brasileira, a partir da incorporação de elementos culturais que se mantiveram diante da resistência das/os escravas/os. O livro Saberes e Fazeres – Modos de Interagir, do projeto A cor da Cultura (SANT'ANNA, 2005) apresenta uma mandala intitulada “Valores Civilizatórios Afro-brasileiros”, na qual os valores estão dispostos.

São 10 valores culturais de descendência africana: Circularidade, Religiosidade, Corporeidade, Musicalidade, Cooperativismo/Comunitarismo, Ancestralidade, Memória, Ludicidade, Energia Vital/Axé e Oralidade.

Desenho 1: Mandala Valores Civilizatórios Afro-brasileiros (SANT'ANNA, 2005).



Tais valores que se referem a uma organização metodológica, do campo da Educação, para elucidar o que está na base da nossa herança africana, hegemonicamente contada de outra ótica – a colonizadora. Ailton Cruz (2017) destaca que a cultura negra foi sendo boicotada no processo histórico brasileiro, lembrando que a escravização reprimiu as expressões culturais de matrizes africanas. Apesar disso, os principais aspectos culturais desses povos foram se enraizando pelo país.

Compreender e falar sobre a cultura afro-brasileira, a partir destes valores civilizatórios, em conexão com a produção de saúde nas vivências na comunidade remanescente de quilombo Lage dos Negros, localizada no semiárido baiano, vai na contramão do que está posto estruturalmente ao mesmo tempo que dialoga com a PNSIPN. Esta política, que não era tomada como fundamento das práticas de atenção à saúde da comunidade quando do processo de imersão cartográfica, enfatiza a necessidade de reconhecer tais valores e reconstruir o modo como a população negra é vista: apenas girando os modos de olhar e compreender é possível produzir estratégias pertinentes à superação da ideologia racista ainda hegemônica no país.

METODOLOGIA

Como indicado, a Comunidade Remanescente de Quilombo Lage dos Negros localiza-se na zona rural do município de Campo Formoso, estado da Bahia. Regularizada como comunidade de Fundo de Pasto, é sede do distrito que abrange cerca de 34 comunidades rurais,

24 das quais reconhecidas pela Fundação Palmares como remanescentes de quilombo (SANTOS; ALMEIDA, 2014).

Nessa comunidade, foi possível singularizar um estudo de cunho cartográfico, tomado como inevitavelmente interventivo, pelo caráter da presença, no contexto de atividades vinculadas a projetos sustentados no tripé ensino/pesquisa/extensão. Nesta perspectiva, as fronteiras entre estes termos são, em certa medida, turvadas, indicando-se, antes, a fertilidade dos encontros possíveis que a delimitação de muros conceituais, como defendido por Cabral (2020):

(...) a extensão se delinea por sua relação íntima com o mundo da vida – na cidade, na comunidade, na região – sendo este o solo onde se situa o próprio adubo para atividades de ensino e projetos de pesquisa que assumem uma orientação política e eticamente implicada. Nessa aproximação, tece-se experiência – dos aprendizes e do/a docente –, tomada como força motriz para produção e compartilhamento de conhecimento relevante, especialmente com quem se encontra nos cenários da vida real. São, portanto, cenários da vida real mobilizando saberes, capacidades, potências (CABRAL, 2020, p. 146).

O processo de imersão cartográfica posto em curso parte de outras compreensões sobre o processo de investigação, colocando em destaque o encontro, na dimensão micropolítica, como ferramenta de produção de conhecimento (MERHY, 2002) e realçando outros modos de arquitetar saberes. A pesquisa cartográfica propõe que as pessoas com que o encontro acontece, em campo, sejam percebidas como interlocutores(as) e, assim, parceiras na produção de conhecimento acerca do fenômeno que diz de sua experiência de vida, o que é possível a partir da relação construída entre pesquisador(a), interlocutores(as) e campo. O método cartográfico valoriza, assim, o movimento processual (SOUZA, FRANCISCO, 2016).

As imersões cartográficas direcionadas pela questão de pesquisa, delineada no contexto do PET-Saúde/GraduaSUS, ocorreram por um período de oito meses, entre de janeiro a agosto de 2018, na vinculação com atividades do NT Políticas da Vida. Escritas narrativas, nos moldes de diários de campo, foram sistematicamente produzidas pela pesquisadora e estudantes do NT após cada imersão, como via de registrar e elaborar experiências.

Em conversas formais e informais e em atividades desenvolvidas no contexto do NT, foram colhidos relatos orais, valorizados como expressão e elaboração em torno das experiências vividas (BENJAMIN, 1996; CABRAL; MORATO, 2019). Na articulação entre imersão cartográfica e colheita de narrativas, os diários se tornam instrumentos indispensáveis

e os termos utilizados para referir aspectos desse processo artesanal de construção de conhecimento – como compreensões acerca de uma dada realidade – se justifica:

(...) parece-nos fundamental atravessar fronteiras também na linguagem. Consideramos potente – e provocativo – utilizar um termo como conversa para demarcar um espaço de compartilhamento de saberes e práticas acerca de um dado tema, valorizando o caráter artesanal da narrativa (BENJAMIN, 1996), colheita, para indicação da construção de narrativas como decorrente de uma relação, implicando comunicação e elaboração concomitantes, evitando-se que surja algo pré-formatado, e interlocutores/as, em consonância com esse posicionamento (CABRAL; MORATO, 2019, p. 92, grifo das autoras).

Dentre as atividades do NT, com um dos dispositivos de encontros em que a colheita ocorreu, destacam-se rodas de conversa sobre os temas em destaque, grupos de ajuda/suporte mútuo com mulheres, oficinas, visitas domiciliares e participação em atividades culturais da região. Tais atividades de grupo foram planejadas durante as imersões, assumindo as configurações consideradas pertinentes conforme o que se indicava a cada viagem, como o direcionamento de algumas delas para crianças e aos adolescentes e para mulheres.

As narrativas transcritas e os diários de campo compuseram a matéria-prima do estudo, analisada com respaldo na metodologia de relatos orais, valorizando-se o sentido (como direção) indicado a partir das leituras, tendo em vista a relação entre narrativa e experiência (CABRAL; MORATO, 2019). Desse modo, assume-se a análise como produção interpretativa, na conexão com a experiência da pesquisa. Considerando os objetivos da pesquisa, as compreensões produzidas a partir do corpus permitiram a definição de três Eixos Interpretativos, apresentados a seguir. Destaca-se que os nomes dos interlocutores e interlocutoras são fictícios, homenageando importantes atores da comunidade negra.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os frutos do processo cartográfico foram arranjados em Eixos Interpretativos, por meio dos quais se buscou dar visibilidade ao que se encontrou na relação com a presença dos valores afrodescendentes em Lage dos Negros. Os Eixos constituem, desse modo, sinalizadores da direção tecida nas produções interpretativas, em conexão com a experiência engendrada em campo, o que se delineia na sequência:

- Eixo Interpretativo I – *Cooperativismo/Comunitarismo*, energia vital e memória: a construção da identidade quilombola em Lage: articula os valores civilizatórios afrodescendentes que se

realçaram nos depoimentos focados na história da formação de Lage dos Negros e comunidades circunvizinhas;

- Eixo Interpretativo II – *Oralidade, ludicidade e musicalidade*: estratégias de resistência: tematiza os valores que marcaram a experiência vivida nas atividades de grupo desenvolvidas com as crianças e com as mulheres e
- Eixo Interpretativo III – *Circularidade, religiosidade, corporeidade, ancestralidade*: interfaces na relação com o cuidar: conecta os valores que se destacaram nas atividades vividas e a relação com estratégias de cuidado produzidas na comunidade.

Passa-se, então, à apresentação dos frutos:

Eixo Interpretativo I: *Cooperativismo/comunitarismo, energia vital e memória: a construção da identidade quilombola em Lage dos Negros*

Ir para Lage dos Negros desperta em mim a curiosidade de conhecer o que não contaram sobre a minha/nossa história. A história que foi roubada dos livros didáticos, das referências nos padrões sociais. É uma oportunidade para pisar no chão do meu ancestral, resgatando a energia vital que habita em volta da vida de todas as negras e negros que vivem nesta terra. Quando eu soube do início do PET-Saúde/GraduaSUS, meus olhos brilharam com uma mensagem ao fundo: já é tarde. Não foi, não era. O ciclo me trouxe para conhecer a casa que, se eu tivesse habitado, saberia muito mais sobre ser negra, mas da forma mais difícil que é aprender sobre isso. Ouvir do povo, aprender com ele a partir do seu ponto de vista e experiências, me ensina a descolonizar o olhar (Trecho do diário de campo da pesquisadora).

A constituição histórica de Lage dos Negros e comunidades circunvizinhas foi contada em diferentes encontros realizados no período da imersão cartográfica. Em todos os encontros, as narrativas apresentavam a perspectiva comunitária sobre sua formação e manutenção até os dias atuais. Martin, 79 anos, contou-nos sobre o surgimento das comunidades, tendo como referências os homens que foram fundando cada uma delas, a partir do fim do período escravocrata, na perspectiva de dar continuidade ao percurso de suas vidas.

Segundo o Sr. Martin, foi se refugiando em Campestre que Luisinho fundou Lage. Casa Nova dos Ferreira, Casa Nova dos Amaros, Sucurial, Gameleira do Dida, Lage de Cima e Campestre foram as primeiras comunidades levantadas (Trecho diário de campo da pesquisadora).

O processo histórico de constituição de Lage dos Negros pode ser remetido ao movimento de *aquilombamento*, que aconteceu em Angola, quando a interiorização em terras africanas foi estratégia utilizada para sobreviver ao tráfico de negros. A vivência do cooperativismo/comunitarismo e da energia vital pôde ser reconhecida desde a construção das comunidades e nas estratégias de superação de situações de crise, como a dos anos 50 do século XX:

Nos anos de 51 e 52, as comunidades passaram por uma grande crise, as pessoas comiam bugi, planta encontrada na caatinga, lavavam roupas com juá e vendiam pó de palha para levantar dinheiro. Só não faltava carne porque tinha muita caça. Em 53 a situação começou a melhorar com a colheita das plantações e a chegada de políticas públicas de saúde (Trecho do diário de campo da pesquisadora).

Estas vivências estão relacionadas à luta do povo negro, uma luta permanente por sobrevivência e continuidade da vida. O *aquilombamento* só foi possível por conta das redes que foram sendo construídas, certamente fortalecidas pela ideia de solidariedade, não no sentido de caridade, mas no sentido de cooperativismo/comunitarismo e pela experiência com o axé (outro nome para “energia vital”), que possibilita que as pessoas das comunidades negras não percam o desejo pela vida e tracem estratégias sociais e econômicas para seguir o curso do caminhar, enraizados nas possibilidades do presente.

Em Lage, o cooperativismo e a energia vital se manifestavam em todos os encontros, seja pelo investimento para que os próprios encontros acontecessem, seja pelo acolhimento proporcionado. Esses valores se misturavam, a todo momento, com as narrativas sobre as dificuldades enfrentadas nas comunidades da região, retomando, a partir da vivência da memória, as engrenagens que os faziam estar no “aqui e agora”. Cabe um destaque à organização da comunidade para os batalhões ou mutirões, quando, por exemplo, a casa de alguém da comunidade precisa ser construída, mencionados em alguns encontros.

A contação de história e a partilha sobre as experiências de vida nas rodas e conversas estavam sempre associadas à história do povo negro, destacando-se as narrativas que compartilhavam as experiências de racismo. Na primeira atividade coletiva realizada pelo NT, situações de racismo e escravidão foram partilhadas.

Mea contou que os trabalhadores acabam adoecendo só de imaginar que vão para o sisal, pois cada 10kg é vendido por R\$1,50. O sisal sai de Lage por este valor e a mercadoria produzida com ele é vendida por R\$400, cada peça. Ela

também compartilhou que essa é uma das situações que mostram a necessidade de construir políticas públicas específicas, porque é através delas que os povos remanescentes de quilombo se manifestam e buscam melhorias. Sisal é uma planta que tem origem na América Central, é cultivada em regiões do semiárido brasileiro a fim de compor matéria prima para produtos artesanais diversos (Trecho do diário de campo da pesquisadora).

Essa situação relatada, que evidencia marcas atualizadas da colonização, permite pensar sobre a hegemonia da ideologia racista e seu caráter estruturante na sociedade brasileira. A perspectiva de racismo estrutural ilumina o entendimento da continuidade da escravização da população negra na contemporaneidade (ALMEIDA, 2019).

Compreende-se que a memória é o valor que preserva o sentimento de afro-brasilidade, reconhecendo o orgulho de ter uma origem negra africana. Para que a memória seja preservada ou reativada, permitindo reconhecer a origem de nossa história, é preciso reconhecer e combater o racismo.

Um dos relatos mais fortes sobre as situações de racismo remete à relação com a cidade de Campo Formoso, sede de Lage:

No encontro de hoje uma questão, que eu já tinha escutado em atividade do PET-Saúde, voltou. Margarida contou que os crimes que acontecem na sede são associados ao povo de Lage e são apontados como de autoria “dos neguinho da Lage”. Fiquei pensando no quanto que esse povo tem energia para seguir, mesmo diante dessas situações; doeu em mim, imagina neles. (Trecho de diário de campo da pesquisadora).

Estas situações de discriminação sinalizam a marginalização do povo negro, provocando um sentimento de não aceitação racial, movimento relacionado à cristalização da identidade quilombola, que produz representações negativas sobre ser negro.

O sentido delineado neste eixo permite concluir que, embora os processos identitários do povo de Lage dos Negros se componham através de vivências da cooperação, alimentadas pela energia vital, norteadas pela memória, que ensina sobre os antepassados, são contundentemente atravessados pelo racismo. Não obstante a dificuldade de afirmar a identidade negra, em função das experiências de violências e violações de direitos, a identidade do povo de Lage se constitui na negritude expressa em sua história e organização.

O reconhecimento dessa negritude, pela retomada da história e organização da comunidade, vem enraizando as pessoas naquele território e possibilitando experiências de pertencimento. Pelo reconhecimento de uma trajetória de luta e de construção de autonomia de

um povo a afirmação da identidade negra se tece. A complexidade que constitui essa marcação identitária ocorre de maneira que é uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p. 13).

Eixo Interpretativo II: *Oralidade, ludicidade e musicalidade: estratégias de resistência*

No encontro com as pessoas de Lage dos Negros tenho experimentando novos movimentos de vida, pois encontrei novas perspectivas de vida e abertura para estratégias de cuidado. Alguns aspectos me afetam de tal modo a me fisgarem à reflexão constante em minha prática cotidiana: o lugar de onde as pessoas vem; a ancestralidade delas; o modo como elas olham para a própria vida, história e perspectivas; e como elas se reconhecem. Lages é um território para se pensar em tudo isso, especialmente pela sua principal característica: ser uma comunidade quilombola. Ao andar nesse chão e encontrar as pessoas de lá vejo um recorte do retrato social do país: a segregação racial, e reconheço o movimento que fazem pela existência. (Trecho do diário de campo da pesquisadora)

A oralidade diz da independência do povo negro, que está inscrita na voz e no corpo, sendo vivenciada através dos jogos e das músicas e responsável pela manutenção da expressão oral, que tem coerência com a expressão corporal. Ela não nega a escrita, mas ocupa um espaço de vivência da autonomia para se comunicar.

Sobre a potência da oralidade, os encontros nos grupos de mulheres possibilitaram uma aproximação significativa e marcante. As narrativas que contam as histórias da comunidade feminina de Lage permitiram perceber a importância de reunir essas mulheres para que, na perspectiva de ajuda mútua (VASCONCELOS, 2013), suas histórias pudessem ir sendo elaboradas coletivamente, especialmente porque possuem muitos elementos em comum, como a solidão da mulher negra, as dificuldades vivenciadas no cuidado com familiares e a falta de acesso ao mercado de trabalho.

Foi possível conhecer, neste contexto, duas associações: a Associação de Mulheres Quilombolas, localizada em Lage (sede), e a Associação de Mulheres da Casa Nova dos Amaros. A primeira utiliza a costura como ferramenta de enfrentamento das dificuldades financeiras vividas pelas mulheres. Durante as produções ela conversam, desabafam e constroem meios de ajudar a mudar a realidade partilhada: “A gente conversa sobre a violência doméstica, sobre as dificuldades financeiras e uma vai apoiando a outra. Quando não dá para

mudar muita coisa, pelo menos a gente pode desabafar sobre o que está acontecendo e aliviar” (María Remedios).

A segunda realiza encontros para compartilhamento dos problemas cotidianos e articulação para produção de artesanato. As reuniões acontecem em uma antiga casa de farinha, desativada desde quando os recursos disponibilizados pelo Estado deixaram de ser repassados. A presidenta contou que começou a pensar nas reuniões quando recebeu ajuda das companheiras durante sua separação. Elas se reúnem para conversar, principalmente quando o companheiro de uma das mulheres vai trabalhar em outra cidade e demora para retornar e/ou enviar notícias, ficando as mulheres e filhos com dificuldades para manter as despesas cotidianas.

Além disso, não foram raros os relatos sobre os padrões sociais de beleza e sobre racismo. Em um dos encontros María dos Remédios destacou “(...) eu sou tão feia, essa pele que só fica cinzenta, esse cabelo assim que não fica arrumado, mas ainda consegui casar”!

Assim, convoca a pensar acerca das discussões sobre a solidão da mulher negra. Ribeiro (2016) enfatiza que a desvalorização da mulher negra é um processo histórico, que construiu estereótipos e imposições de beleza que sustentam a objetificação e a ultrassexualização, fazendo com que mulheres negras acreditem que não podem ser amadas.

Sara Gomes e María Elena, mãe e filha, estavam no último encontro do grupo de mulheres. A filha falava das preocupações sobre o curso da vida, compartilhando a angústia que vinha sentindo:

“(...) um aperto no peito, mas a fé que a vida vai caminhar. Às vezes é difícil ter as coisas aqui, os meus remédios acabaram e não tem quem venha deixar. Tem que esperar alguém ir para lá para eu mandar a receita. Eu não falo para não preocupar minha mãe. Sua mãe logo respondeu: E tem que ficar calada? Não já aguentei tantas coisas até aqui? Tem que falar, sou sua mãe”.

A expressão oral foi percebida como uma possibilidade de construção de modos de viver que garantam a produção de cuidado, ainda que seja difícil superar as compressões históricas relacionadas às opressões raciais e de gênero.

O racismo se evidenciou como um determinante no processo saúde-doença na comunidade. Tereza Benguela sempre trazia uma frase que descrevia seu sentimento sobre a sua história e do seu povo: “Ser negro dói na pele”. Iam se evidenciando, assim, as reverberações do racismo estrutural na saúde daquele povo. A frase também remetia ao

sentimento sobre a relação com os moradores de Campo Formoso, que costumam associar crimes, como furtos e assaltos, aos “neguinhos da Lage”, como já indicado.

A autoatribuição está relacionada com as experiências de racismo e aponta para a urgência em compreender que racismo e preconceito são fenômenos diferentes, especialmente porque o racismo é um sistema de opressão enraizado, que nega acesso a direitos, interfere no processo de construção da identidade e tem consequências na saúde da população negra. Preconceito, por sua vez, é uma definição prévia sobre algo, que pode ser desconstruída na relação com o que é estrangeiro, no processo de se tornar familiar – ou, dito de outro modo, a partir dos encontros.

No contexto infantil, jogos e brincadeiras são os principais recursos de expressão do que sentem e aprendem sobre serem crianças remanescentes de quilombo, apesar de a Educação ofertada na região não ser contextualizada, conforme compreendido por meio das conversas ao longo das imersões cartográficas. A ludicidade expressa o modo como a África se relaciona com a produção de conhecimento. É através deste valor que os mais velhos ensinam aos mais jovens os conhecimentos culturais que foram passados de geração em geração, na utilização de jogos que viabilizam o processo de aprendizagem e construção de conhecimento.

Nos encontros, crianças produziram desenhos sobre o lugar onde moram, roteiro de fantoches e realizaram uma apresentação sobre a cultura quilombola – o roteiro foi todo produzido por elas, com a mediação de Amélia e Rosa, estudantes do NT, tratando das heranças africanas no cotidiano da região. Foi também produzido um cordel sobre a vida em Lage, cujo trecho segue abaixo: “Eu vim de lá daquele morro. Vim do lajedo, vim do tambor. Eu vim de lá de onde o sol se esconde. Vim do sereno, do canto e da dor. Vim de uma natureza de sons e esperança. Vim da saudade do encanto do amor. Sou criança e trago este valor. Carrego em mim a predestinação. De fazer desta terra um novo lugar. Com as mesmas culturas que abraçam esta nação. Pois aqui o povo negro recorre ao passado. Para viver o presente com raça e emoção. Minha comunidade é perfeita e graciosa. Nela há tanta cor e muita dignidade. Mas ainda sinto que falta liberdade. Para as manifestações de longa data. Que querem se expressar pela musicalidade. Fico feliz quando o povo se organiza para o Reisado. Assim como quando as crianças dançam na Roda de Samba de São Gonçalo. Tem Samba de Terreiro, Capoeira e Xangô. E os mais antigos têm no centro lugar reservado.”

Os valores destacados neste eixo ensinam como a sustentação e reinvenção da vida em Lage dos Negros foi se constituindo. Além disso, sua construção possibilitou compreender, de modo mais concreto, que a vivência dos diferentes valores civilizatórios afro-brasileiros não está separada; ela acontece entrelaçando os valores e se enraizando nos processos cotidianos.

Outra questão percebida remete à compreensão estereotipada sobre as comunidades remanescentes de quilombo. Ao falar sobre elas, são construídas expectativas sobre o modo de existir, como algo cristalizado e padronizado para todas as comunidades. Contudo, retomando um ponto discutido no eixo anterior, a identidade de cada comunidade vai se forjando na relação com o território habitado, a partir das relações de parentesco, das redes de afetos que compõem as comunidades.

Neste sentido, as diferenças identitárias se configuram, refletindo modos autônomos de construção comunitária e referendando valores preservados ao longo da história. Ou seja, o que diz sobre a cultura afro-brasileira não são os padrões hegemônicos colonizadores, mas a experiência de cada povo, no local em que se firmaram como comunidade.

Eixo Interpretativo III: *Circularidade, religiosidade, corporeidade, ancestralidade: interfaces na relação com o cuidar*

A cartografia começa na estrada para Lage, onde acompanhamos a evolução do tempo nas expressões que a natureza nos mostra, suas formas, as especulações sobre as transformações que aconteceram na vegetação e nas rochas. Começa nessas reflexões a circularidade, quando entendemos o movimento da vida enquanto ciclo. Olhando a vegetação, eu fico imaginando quantas negras e quantos negros passaram por esta estrada, quantas coisas foram vividas nesse trecho de terra. Violências? Resistência? A crença na possibilidade de mudar de vida? O círculo continua quando a gente pisa os pés fora do carro (Trecho do diário de campo da pesquisadora).

A circularidade tem relação com o resgate da Mãe África, com o movimento cíclico da vida, com a espiritualidade e com as posições que ocupamos durante o curso da existência. A vivência deste valor acontece através das trocas nas rodas, danças, jogos, conversas, trabalho solidário, tendo como referência o espaço do terreiro. Em uma das acepções no dicionário Houaiss (2009), terreiro remete a “pequeno quintal, de terra batida, diante das residências populares do interior”; em outra, “espaço ao ar livre, à porta das habitações, onde há folguedos, bailados, cantos e desafios”; e, ainda, em outra, a “local onde se celebram os ritos dos cultos afro-brasileiros (candomblés, batuques etc.)”. O uso do termo neste texto reafirma a potência do encontro, marcado pelo valor da circularidade: todo mundo se posiciona de modo a poder se ver e reconhecer.

O funcionamento dessas comunidades é circular, é cíclico, como a própria vida. A experiência com a circularidade mais afetuosa foi durante um almoço compartilhado, em uma

das imersões cartográficas. O grupo foi recebido na casa de Dandara, que, com sua irmã N'zinga, havia preparado a refeição.

O almoço foi servido em uma toalha estendida no chão, os alimentos foram colocados no centro e fomos convidadas a sentar em volta da toalha e nos servirmos. Foi uma das experiências de cuidado mais lindas que vivi naquelas terras. Questionada sobre o formato, Dandara contou: “Na quaresma a gente come assim: a gente senta no terreiro, no chão, faz a reza e se alimenta, a família toda, todo mundo junto” (Trecho do diário de campo).

Sobre a religiosidade da comunidade negra, o sincretismo religioso foi uma estratégia de sobrevivência da relação do povo negro com os orixás, entidades das religiões de matrizes africanas. Associando cada orixá a um santo da Igreja Católica, os praticantes das religiões de matrizes africanas preservaram sua religiosidade, trazida da terra materna. Como herança da não permissão para vivências, foi construída uma sociedade onde a intolerância racial boicota, viola e condena, associando o candomblé e a umbanda a elementos negativos .

Em visita a uma mãe de santo, que não aceitou ser entrevistada por questões de segurança, ela compartilhou todas as violências que viveu nas terras remanescentes de quilombo. Seu terreiro foi destruído mais de três vezes ao longo de sua vida, inclusive por sua família. Falar sobre os terreiros é, paradoxalmente, um tabu “na” Lage. Em uma comunidade com forte vivência do cristianismo – tanto via catolicismo quanto vertentes variadas do protestantismo – pôde-se perceber que pessoas da comunidade com vivência em religiões de matrizes africanas não se sentiam à vontade para participar das atividades do projeto ou para declarar a religião quando outras pessoas estavam presentes. A compreensão desse paradoxo precisa ser feita na relação com efeitos da colonização, atualizados também pelo viés religioso.

No que tange à vivência da religiosidade, é importante destacar que diz do respeito à vida e à doação ao próximo, à ligação com o que é divino, transcendental, que deve ser experimentando numa perspectiva de autocuidado e cuidado do outro, por diversas vias. Contudo, as religiões dos colonizadores, de origem cristã, se sustentaram e boicotaram as expressões que nasceram na África; mas isso não foi e não é suficiente para que as práticas fossem extintas. O cuidado partilhado coletivamente é a via de sustentação de cada história, de cada terreiro. A relação com os orixás e guias é muito mais forte que as violações que já aconteceram contra os povos de terreiro em Lage, pois, mesmo com tais circunstâncias, a prática religiosa sobrevive e seus praticantes reconstroem esses espaços, apesar de ser

fundamental atentar à tensão que persiste em relação à multiplicidade de credos na comunidade, que denuncia uma tensão histórica.

A corporeidade também está marcada na vivência de outros valores, como a musicalidade e a circularidade, mas seu debate foi inserido neste eixo pela forte relação com o cuidado. Para cuidar, a comunidade se coloca com a presença corporal, bem como respeita as demandas e os limites dos outros corpos nas relações.

Na narrativa de Martin, destacou-se a presença corporal em situações de atenção à pessoa em crise, relacionada às questões de saúde mental. Ao falar da participação da comunidade para ajudar a cuidar dos filhos, enfatizou:

“(...) às vezes eles percebiam que eles estavam nervosos e precisavam andar, andar, acho que para acabar com aquela agonia. Os vizinhos me ajudavam a procurar por eles, ou iam andar junto para não perder de vista e trazer de volta para casa” (Fragmento narrativo a partir de conversa).

Na cultura africana, os relacionamentos também se dão via expressão corporal, sendo instrumento de registro da memória, da dança, das brincadeiras, da escrita e da fala e de cuidado. Em Lage dos Negros, como sinalizado anteriormente, sobrevivem diversas manifestações culturais, em que os corpos se expressam vigorosamente: reisado, congado, roda de terreiro, samba de pé, São Gonçalo, serenata, festejos para Santo Antônio, cavalgadas, além dos também mencionados mutirões que, invariavelmente, terminam em festa.

Falar sobre ancestralidade e produção de vida é falar sobre a transversalidade de todos os valores civilizatórios afro-brasileiros nos modos de a comunidade fazer a vida andar e do entrelaçamento entre todos. Este valor, trazido no último eixo, remete à memória e, particularmente, sobre o respeito que se preserva para quem veio antes, a que se reserva lugar de honra. Ancestralidade, como valor, retoma a história do povo negro e da sua importância para a continuidade da vida, reconhecimento fundamental para a compreensão dos processos de constituição da comunidade e do próprio povo brasileiro, fruto de miscigenação – não raramente decorrente de atos opressivos e violentos.

Em Lage, as marcas do racismo são cuidadas através da vivência das manifestações culturais: “(...) quando a gente está dançando, cantando, junto com o povo a gente esquece os sofrimentos” (Elza Soares). Dentre as inúmeras manifestações culturais que resistem na comunidade, o reisado, o samba de pé e a roda de São Gonçalo são os principais festejos citados

como herança aprendida com seus antepassados e ensinadas às novas gerações; em cada roda, um renascimento, em ato, dessa memória ancestral.

Do processo de imersões em Lage, uma compreensão se teceu brutalmente: a descontextualização das ofertas das políticas públicas na região, pensadas a partir do município sede. No âmbito da educação, as práticas (re)produzidas não pareceram se conectar com a força dessa herança ancestral, embora uma das escolas sustentasse os símbolos quilombolas no uniforme e paredes na época do estudo; na assistência social, indicação de muitas situações de vulnerabilidade social, como violência doméstica, que acabam por ser naturalizadas e, na saúde, aspectos como a falta de saneamento básico na comunidade e de acesso a serviços contínuos, além da abundância de situações de sofrimento psíquico, que demandam leitura conectada com marcadores sociais, não são pautados no campo dos direitos.

Chamou atenção, em especial, o desconhecimento da PNSIPN pelos profissionais de saúde que atuam na comunidade, o que foi pautado em rodas de debate. Deste modo, em rodas promovidas, ficou evidenciada a necessidade de criar estratégias de cuidado e suporte entre pares, herança ancestral, tecida na necessidade de *aquilombamento*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se apresentou aqui constitui um recorte de um intenso processo cartográfico, em que se realçou o interesse de conhecer as vivências dos valores afro-brasileiros na comunidade, na relação com o processo de *aquilombamento* e de tornar-se negro a partir da herança cultural africana.

Distanciado da intenção de alcançar verdades sobre o tema, o estudo possibilitou tecer compreensões a partir da matéria-prima tecida a cada encontro, a cada roda, a cada conversa. Ainda dentro do recorte, voltado à vivência dos valores afro-brasileiros, optou-se por dar relevo ao que se destacou nas afecções em campo, sabendo-se que outras compreensões poderiam ser exploradas. Reconhece-se, assim, a impossibilidade de adentrar todo o rico universo da vida em Lage durante o período em que os encontros ocorreram, e ainda que o tempo fosse maior.

É crucial indicar a dificuldade de encontrar referências africanas no centro dos estudos teóricos no campo da Psicologia e da Saúde Coletiva, repercussão do epistemícidio, que desconsiderou a origem africana dos saberes que orientaram o desenvolvimento das ciências. É importante destacar que os direcionamentos nos processos formativos são eurocêntricos. Além disso, o povo preto ainda tem acessado o ambiente acadêmico como objetos de estudos, estudos

que são descontextualizados da história do seu povo. Os investimentos nos estudos sobre a população negra precisam seguir, com aprofundamento proporcional ao modo como, estruturalmente, a ideologia racista foi introduzida nas nossas relações, como um caminho para sua suplantação e construção de outros modos de organização social. Outrossim, estudos afrocêntricos precisam enriquecer currículos acadêmicos, como já é proposto a obrigatoriedade do estudo da história afro-brasileira pela Lei 10.639, de 2003.

Os frutos apresentados intencionam ampliar acesso e instigar a proposição de outros estudos sobre temáticas relacionadas, especialmente as práticas afro-brasileiras e a implantação da PNSIPN. Também cabe a indicação de que gestões municipais pautem, em seu planejamento, ofertas singularizadas para comunidades remanescentes de quilombo, a exemplo de intervenções antirracistas e contextualizadas com a história do povo negro e os marcadores sociais que envolvem essa trajetória racial.

Finaliza-se com a ênfase na importância de que a população negra não seja objeto de estudo, mas protagonista em processos de produção de conhecimento acerca do que lhes atravessa a existência. Que pretos e pretas possam narrar suas histórias, para que não sigamos caindo na cilada da “história única”, como alerta Adichie (2019).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ALVES, A. F. **Organização social no Quilombo Mesquita**: trabalho, solidariedade e atuação das mulheres. Brasília: Universidade de Brasília, 2019.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. v. 1. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Lei da obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nos currículos da rede de ensino. Brasília, 2003.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra**. 2. ed. Brasília: MS, 2013.

CABRAL, B. E. B.; MORATO, H. T. P. Redimensionando o valor da questão-bússola no horizonte da produção de conhecimento: para onde uma pesquisa pode apontar? *In*: CABRAL, B. E. B.; SZYMANSKI, L.; MOREIRA, M. I. B.; SCHMIDT, M. L. S. (org.). **Práticas em pesquisa e pesquisa como prática**: experimentações em psicologia. Curitiba: CRV, 2019.

CABRAL, B. E. B. Reflexões (im)pertinentes na interface extensão/diálogo intercultural: outras miradas possíveis para o tripé ensino-pesquisa-extensão? **Revista ComSertões**, v. 8, n. 1, 2020.

CABRAL, B. E. B.; LIMA, K. S. B. A reorientação da formação em saúde na Univasf: uma história em curso no semiárido nordestino. In: CABRAL, B. E. B.; RABELO, M. B. dos S.; SOUTO, B. S. (org.). **Contos sobre formação em saúde no e para o SUS: experiências de aproximação ensino-serviço-comunidade no Sertão do São Francisco** [recurso eletrônico]. 1 ed. Petrolina: Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2018.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MERHY, E. E. **Saúde: a cartografia do trabalho vivo**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

NASCIMENTOS, B. O conceito de quilombo e a resistência afro-brasileira. In: NASCIMENTO, E. L. **Cultura em movimento: matrizes africanas e ativismo negro no Brasil** [recurso eletrônico]. São Paulo: Selo Negro, 2014.

PASSOS, E.; BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RIBEIRO, D. **Relações interraciais e a solidão da mulher negra**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ZNx1LV6c4A>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SANT'ANNA, W. **Marco Conceitual do Projeto A Cor da Cultura**. A Cor da Cultura, 2005. Disponível em: <http://www.acordacultura.org.br/oprojeto>. Acesso em: 15 ago. 2017.

SANTOS, I. J. ALMEIDA, M. G. A. A. As representações sociais dos quilombolas sobre a extensão rural na Comunidade Remanescente de Quilombo Lage dos Negros em Campo Formoso/Bahia. **Revista de Extensão de Estudos Rurais**, v. 3, n. 1, 2014.

SEPPPIR. **Guia de Políticas Públicas para Comunidades Quilombolas**. Brasília: Programa Brasil Quilombola, 2013.

SOUSA, S. R. L. FRANCISCO, A. L. O Método Cartográfico em Pesquisa Qualitativa: Estabelecendo Princípios... Desenhando Caminhos... **Investigação Qualitativa em Saúde**. v. 2, 2016. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/826/812>. Acesso em: 29 set. 2021.

CRUZ, I. C. F.; MONTEIRO, M. C. S. **Contextualizando a Saúde da População Negra**. UNASUS, 2016.

VASCONCELOS, E. M. **Cartilha de ajuda e suporte mútuos em saúde mental:** para participantes de grupos. Rio de Janeiro: Escola do Serviço Social da UFRJ, 2013.

WERNECK, J. P. **Racismo Institucional.** ONU Mulheres. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/FINAL-WEB-Racismo-Institucional-uma-abordagem-conceitual.pdf> Acesso em: 15 dez. 2018.

Artigo recebido em: 31 de julho de 2020.

Artigo aprovado em: 2 de setembro de 2021.